



Comitê de Representantes

Aprovada na 1197ª sessão

ALADI/CR/Ata 1180
17 de julho de 2014
Horário: 11h20m às 12h25m

ATA DA 1180ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

- Conferência "América Latina: Desafios em um novo contexto internacional", a cargo de Enrique García, Presidente Executivo da CAF-Banco de Desenvolvimento da América Latina.
-

Preside:

AIDA GARCIA NARANJO MORALES

Assistem: Juan Manuel Abal Medina, Rubén Javier Ruffi (Argentina), Benjamín Blanco Ferri (Bolívia), Roberto Goidanich, Pedro de Andrade (Brasil), Alejandro Borda Rojas (Colômbia), Igor Azcuy González (Cuba), Emilio Rafael Izquierdo Miño, Gustavo Anda Sevilla (Equador), Alejandro de la Peña Navarrete, Diana Morales, José Alberto Martínez Dávila (México), Digna M. Donado (Panamá), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Miguel Ángel López Arzamendia, Pedro Villalba, Lethicia Paredes (Paraguai), Aída García Naranjo Morales, María de Fátima Trigoso Sakuma, Ricardo B. Romero Magni (Peru), Juan Alejandro Mernies Falcone, Ivannah Garelli Ruggia (Uruguai), Isabel Cristina Delgado Arria (Venezuela), Miguel Torga (CID), Gladis Genua, Juan Carlos Elorza (CAF), Antonio Donizeti (IICA), Norberto Iannelli (SEBIG).

Secretário-Geral: Carlos Alvarez

Subsecretários: César Llona, Pablo Rabczuk

Convidados especiais: Didier Operti, Ex Secretário-Geral da ALADI, Isaac Maidana, Ex Subsecretário da ALADI; Lauro Meléndez, Subsecretário de Desenvolvimento Social do Uruguai; Daiana Ferraro, Subdiretora Geral de Integração e MERCOSUL do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; César Ferrer, Diretor para África, Ásia e Oceania do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Juan J. Carrasco, Secretário Executivo da CIER; Gonzalo González, Gerente Geral Câmara Mercantil; Schubert Méndez, Sub-Gerente Geral ANP; Guilherme Canela Godoi, UNESCO; Claire A. Poulin, Embaixadora do Canadá no Uruguai; Benoît Delaplace, Adido Comercial da Embaixada da França no Uruguai; Mostafa Saad, Primeiro Secretário da Embaixada do Egito no Uruguai; Isidoro Hodara, Vice-Presidente de Zonamérica; Federico Pérez, Gerente de Administração e Finanças de Zonamérica; Mario Alonso, Diretor de Todológica; Juan Ignacio Villalba, Chefe de Economia e Informação de INALOG.

PRESIDENTA. Bom-dia, bem-vindos e bem-vindas todos/as a esta sessão extraordinária Nº 1180 da ALADI. É uma honra para a ALADI, para nós pessoalmente, ter esta sessão extraordinária tão importante com um visitante como Enrique García.

Tivemos já o privilégio de compartilhar com ele ontem, nas atividades organizadas pela CAF, agradecemos especialmente esta grande possibilidade de ter compartilhado com ele, damos as boas-vindas, damos as boas-vindas às Embaixadoras, aos Embaixadores, ao público que esta manhã nos acompanha, aos Embaixadores de outros países não membros da ALADI que estão conosco, claro ao conjunto de instituições e senhoras e senhores que nos acompanham.

Enrique García esteve na ALADI em diversas oportunidades, não é a primeira vez que visita esta casa da integração latino-americana, é a quarta vez que nos visita na ALADI e é um prazer nesta oportunidade recebê-lo novamente.

Enrique García esteve conosco em 2004, nos acompanhou na sessão 871ª; nos acompanhou também em 2005, na sessão 923ª; fez a sua presença entre nós também em julho de 2008 e atualmente o temos novamente.

Ontem, muitas Embaixadoras, Embaixadores e diferentes membros do corpo diplomático, funcionários, membros do Governo, personalidades, tivemos a grande possibilidade de compartilhar no Hotel Radisson, graças ao gentil convite da CAF e a uma mulher que representa aqui a CAF, de grande trajetória, que é parte desta casa, uma pessoa bem-vinda sempre a nossa casa como é Gladis Genua e para nós isso também é fundamental e queremos hoje pôr em relevo porque efetivamente caminhamos com essas sinergias conjuntas nestas atividades.

Ontem tanto Enrique García quanto Enrique Iglesias, porque apresentava a CAF uma publicação sobre ele, em sua homenagem, em sua honra, faziam uma lembrança sobre a ALADI e sobre os impulsos da fundação da ALADI e se fazia uma lembrança desde o ano 59' e o que depois daria nascimento ao que seria denominado em 60' a ALALC, uma das primeiras instâncias, como nós chamamos a esta casa nossa, a casa decana da integração. Claro foi magnífica a oportunidade que tivemos todos de estar presentes nesse colóquio, escutar o conjunto de intervenções entre os nossos panelistas e foi muito importante desfrutar disso.

Falar de Enrique García e de sua trajetória tomaria toda a manhã e a ideia é mais bem escutar sua palestra. Seus conhecimentos sobre estes temas nos que ele percorreu durante tantos anos, estamos falando de um Presidente Executivo da CAF que ocupa o cargo por quinta vez, portanto, falamos que estamos diante de um pentacampeão, visto que estamos neste ambiente do futebol, onde no Uruguai é ineludível abordar desde essa dimensão. Este exercício do cargo se projeta desde o ano 91' até o ano 2016, portanto, temos Enrique García para muito tempo ainda, para recebê-lo novamente.

Enrique García está à cabeça de uma Instituição financeira onde 12 dos nossos países da ALADI são parte e isto para nós é absolutamente relevante porque é sem dúvida que para ALADI representa a CAF um espaço onde estão agrupados os acionistas que representam nossos países, que justamente reuniram-se anteontem no Sofitel, no magnífico grande hotel do Casino Carrasco, que esta cidade tão maravilhosamente conserva e mostra como um patrimônio da humanidade.

Foi magnífico saber que acaba o mandato do Peru, que se inicia o mandato do Uruguai e esta seja anfitriã, é uma sede maravilhosa que nos recebe, que nos acolhe e que recebe, da melhor maneira, o nosso Enrique García.

Falamos do nosso Enrique García como um amigo boliviano mas como um cidadão universal, como um cidadão não apenas da América Latina mas como um cidadão que preside uma Instituição onde além de muitos dos países da ALADI, a grande maioria encontram-se também a Costa Rica, Espanha, Jamaica, Trinidad e Tobago, República Dominicana, Portugal, e isso é muito importante visto que nos planos da ALADI continua sendo muito importante a projeção e o fortalecimento da nossa Associação com a integração de mais países.

Quero comentar-lhe que estamos *ad portas*, no mês de agosto, do que será o Décimo Sétimo Conselho de Ministros da ALADI, justamente para olhar a agenda da ALADI tanto do triênio quanto para projetar essas aspirações que uruguaios neste mesmo país e latino-americanos neste país, neste momento sete, que são os fundadores da ALALC, tiveram como aspiração de fazer da ALADI um espaço da integração.

O colóquio de ontem foi muito importante porque se fez um balanço dos aspectos positivos da integração e dos desafios que ainda temos pendentes e creio, sem dúvidas e sem medo a errar, que a conferência que teremos atualmente de Enrique García, como Presidente Executivo, nos dará também um olhar regional com esta visão que já se acumula de tantos anos.

Ele exerceu cargos também de diferentes colegiaturas, teve diversos cargos na função acadêmica, que seria muito longo detalhar nestes momentos, dando prioridade justamente a sua exposição e, claro, representou os nossos países em outros diferentes organismos e em outros bancos de desenvolvimento.

Atualmente o temos aqui conosco, damos-lhe as boas-vindas, colocamos a ênfase especial em dar as boas-vindas a ele e nos honra, claro, a presença nestes momentos do Economista Luis Porto, que ocupa hoje o cargo de Ministro das Relações Exteriores interino, visto que sua Excelência, o Chanceler Luis Almagro, está fora do país justamente nas cúpulas às que assistem os nossos Presidentes e os nossos Chanceleres.

É uma honra esta sessão extraordinária, é um prazer verdadeiramente para nós e por isso estas boas-vindas são as mais cálida, a de irmã, a de amigos, a de latino-americanos, a de visões e aspirações comuns para nosso mundo global e, em particular, para o nosso próprio continente.

Queremos oferecer a palavra ao Ministro interino das Relações Exteriores, que nos honra com sua presença, ao Economista Luis Porto, e receber o nosso querido Enrique García, primeiro com uma salva de palmas de boas-vindas após este apreço especial que expressamos e claro receber o nosso amigo, Luis Porto, que também em muitas oportunidades nos acompanhou na ALADI, que tem a grande disposição na Chancelaria uruguaia, situação que queremos agradecer pública e especialmente, de promover que a sessão do Conselho de Ministros da ALADI possa ser realizada no dia 21 de agosto, nesta maravilhosa cidade que tanto apreciamos e agradecemos sua presença e estendemos formalmente o nosso agradecimento à Chancelaria uruguaia. Bem-vindo, Ministro Porto.

Ministro interino das Relações Exteriores do URUGUAI (Luis Porto). Muito obrigado, Presidenta, muito obrigado a todos por estar aqui e pelo convite a apresentar Enrique e o tema. Enrique já foi apresentado, é um privilégio para nós tê-lo e contar com ele estes dias, pelas reuniões da CAF, graças à extraordinária organização que Gladis Genua realizou.

Tive de apresentar brevemente o tema e, por que é importante a participação de Enrique neste dia? Estamos em um mundo onde há muitas incertezas quanto ao futuro, havia um Prêmio Nobel de química que chamava a este tipo de situação “pontos de bifurcação”, porque os fatores que explicaram o movimento e a tendência do mundo até hoje não são os mesmos que vão explicar daqui em diante o que possa acontecer no mundo.

São várias as incertezas. Do ponto de vista político, um mundo multipolar onde não há um grupo de países que garanta determinado equilíbrio com capacidade de bloqueio de situações de conflito em nível mundial, estamos vivendo uma semana após outra, há uma situação de conflito no planeta e não há um grupo que lidere a capacidade de bloqueio desse tipo de situações.

Do ponto de vista tecnológico está, há uma verdadeira revolução tecnológica que vai mudar a localização das firmas em todo o mundo. Já está acontecendo, há dois meses Adidas fechou sua planta na China para instalar-se onde está o mercado graças à revolução que está gerando a impressão 3D. Isso significa que do que sempre falamos de cadeias globais de valor vão transformar em cadeias regionais e isso vai significar um desafio grande para todos os nossos países.

Do ponto de vista econômico também estamos em um momento de incerteza, que vai passar para o futuro com a presença destes novos países que por exemplo ontem mesmo estavam fundando um novo banco de desenvolvimento a escala global mas que estão gerando já mudanças importantes em matéria econômica e financeira no mundo. A China e a Rússia acabam de assinar, há quinze ou vinte dias, um acordo para intercâmbio comercial de moedas locais, isso vai gerar também incerteza do ponto de vista financeiro quanto ao dólar como moeda global e incerteza do ponto de vista econômico em relação às tendências futuras desses países.

São muitas as incertezas e, portanto, sempre é bom, em momentos de incerteza, contar com a palavra sábia. Nesta ocasião, para mim é um privilégio apresentar Enrique García, que tem a possibilidade, há muitos anos, de percorrer a América Latina, mas em um percurso com capacidade de análise, com capacidade de propostas e com capacidade de execução de coisas concretas, como as que fez ao longo destes últimos quinze anos na Corporação.

Portanto, a palavra sábia hoje é um privilégio para nós que esteja aqui e que esteja na boca de Enrique García ao qual cedo a palavra.

PRESIDENTA. Muito obrigado ao nosso apreciado Luis Porto, Ministro interino das Relações Exteriores do Uruguai. No entanto, quero agregar uma incerteza a mais, a que nos tem retido o Carlos “Chacho” Alvarez, Secretário-Geral, em Buquebús pendente de chegar em alguns minutos, pelo qual quero isentá-lo de estar nestes minutos aqui, o teremos depois.

Mas temos uma grande certeza, que teve um ingresso muito oportuno (*risos*). Bem-vindo Chacho, justamente Secretário-Geral, estávamos compartilhando com todos e expressando suas formais desculpas por esta pequena demora que tinha em seu traslado para chegar a esta sessão que estava programada, pelo qual convidamos e oferecemos a palavra ao nosso Secretário-Geral, falam que os últimos serão os primeiros. Damos a palavra a ele.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidenta. Primeiramente peço desculpas pela demora, Buquebús demorou, o qual não acontece frequentemente. Agradecer muito a visita de Luis Porto, Vice-Chanceler, a Presidenta do Comitê, os convidados, os funcionários, Embaixadores, Alternos.

Não foi fácil trazer García, por isso, eu estava mais agitado porque estamos perseguindo há bastante tempo em todas as Cúpulas. E por que a importância de que este nosso amigo Enrique García aqui? Porque é um dos homens que nesta década positiva - alguns chamam ganhada - da América Latina, é um dos homens que mais conhecem a realidade estrutural; primeiro, de cada um dos países, depois a problemática estrutural do conjunto da região e depois como impacta o contexto internacional, as mudanças no concerto internacional, sobre as perspectivas e o desenvolvimento da América Latina.

Enrique García teve uma extraordinária qualidade, transformou o que era uma pequena entidade multilateral financeira chamada CAF, Corporação Andina de

Fomento, que nasceu justamente a partir das necessidades da Comunidade Andina, em um dos principais bancos de desenvolvimento da América Latina. De cinco membros originários passou a dezoito membros. O salto quantitativo e qualitativo que deu a CAF foi espetacular e o homem que protagonizou essa mudança, essa transformação desse banco, foi Enrique García.

De fato, hoje quando se fala dos BRICS e do novo banco de desenvolvimento dos BRICS, o modelo que estão tomando para a construção dessa instituição também multilateral é justamente o Banco de Desenvolvimento da América Latina, a CAF. Então, poderia agregar a isto dez motivos a mais, que o conheço há muitos anos, que temos compartilhado mais de uma década juntos, em diferentes lugares mas com os mesmos interesses, que construímos uma amizade.

Agradecer à CAF o que fez junto com a ALADI e outras Instituições, agradecer a Gladis Genua tudo o que temos feito neste tempo juntos. Quando chegamos manifestamos a importância do Observatório Ásia Pacífico-América Latina, víamos que aí havia uma tendência inexorável em nível mundial e que tinha que continuar esse fenômeno, que tinha que ver o relacionamento mais em sintonia fina dos países da América Latina com a Ásia Pacífico e especificamente com a China. Armamos um centro virtual de formação, agora vão dar um apoio importante à EXPO ALADI, a primeira macro-rodada de negócios que a ALADI vai fazer em nível latino-americano, de 8 a 10 de outubro, é um evento muito importante. Após diferentes iniciativas, a construção de um sistema de alerta sobre barreiras meioambientais, para dar insumos aos países, informação aos países para que de alguma forma possam ser mais eficientes na hora de sua inserção no mercado internacional. Digo algumas das principais iniciativas que fizemos juntos CAF e ALADI, em algumas com a CEPAL, em outras somente CAF e ALADI; portanto, quero agradecer-lhe, Enrique, em nome de todos, da Presidenta do Comitê, dos Subsecretários, dos Embaixadores, Alternos. Diante de todos quero agradecer-lhe o apoio da CAF para o fortalecimento e a renovação da ALADI.

Não demoramos porque certamente tem pressa, muito obrigado.

PRESIDENTA. Tem a palavra Enrique García.

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CAF-Banco de Desenvolvimento da América Latina (Enrique García). Muito obrigado, em primeiro lugar, amigas e amigos, pelas palavras, pela introdução que me deram, amigo Ministro Porto, Chacho, e todos vocês, muito grato estar novamente na ALADI.

Chacho dizia que não foi fácil trazer-me, o que acontece é que eu vi a lista que citava a Presidenta e disse “se for com muita frequência vão falar que sou chato”, pelo qual é necessária certa margem de tempo para ter algumas novidades.

É muito grato para mim estar novamente nesta casa da integração porque na verdade a CAF é uma Instituição que, dentro de sua missão, um dos pilares é precisamente a integração regional. Pela sua natureza, é uma Instituição latino-americana e o que talvez me permitiria ressaltar em primeira instância é que na transformação que se fez de uma Instituição pequena a uma da dimensão que tem atualmente, cuidamos um elemento: ter uma característica que nos diferencie dos outros multilaterais que há em nível global, que são os bancos mais tradicionais, seja o Banco Asiático de Desenvolvimento, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento - minha alma mater a propósito - o Banco Africano, e essa diferenciação era perguntar-nos se era possível construir uma Instituição relevante mantendo o caráter de membro dos países exclusivamente emergentes. Fizemos o

trabalho, por isso destaco o fato de que é o único banco multilateral de caráter regional, há sub-regionais menores mas regional que em essência é propriedade de países emergentes visto que, salvo uma participação que é 3% do capital da Espanha e Portugal, 97% está em países da América Latina.

Então, esta é uma característica muito importante porque a agenda da Instituição responde à agenda da região e é uma responsabilidade muito séria porque o êxito ou o fracasso da Instituição depende exclusivamente de nós. Então, este foi o contexto e atualmente na verdade os 600, 700 milhões de dólares que aprovávamos há 20 anos, atualmente estamos aprovando uma média de 12 mil milhões de dólares, em todos os países, com uma característica que a governabilidade da instituição nos permite, que temos respeito absoluto pelas diferenças que possam existir na região em termos de enfoques, alguns têm maior ênfase no setor público, outros no privado, prioridades respeitando essas situações, e, no entanto, pedindo que haja rigor adequado nas operações dos programas e projetos que se financiam, essa é um pouco a característica.

Agora, neste tema da região, há coisas muito positivas e há sinais de preocupação e creio que a responsabilidade de instituições como a que eu presido é não apenas estar na complacência de dizer “que bem estamos fazendo”, e que todos pensamos que saltamos a dificuldade, mas dar sinais sobre os temas delicados e importantes para a mudança que requer nossa região.

No final do dia, o que se busca no desenvolvimento é conseguir que a maioria dos cidadãos tenham uma qualidade de vida digna, que estejam integrados à sociedade de forma equilibrada e, para isso, devemos trabalhar em todos os frentes, no frente econômico, financeiro, ambiental, no frente político, para conseguir esses efeitos, e nós pensamos - e vou comentar um pouco mais o que vou dizer agora - que a integração regional não é um luxo, é uma necessidade, e que precisamente estar nesta casa é muito significativo porque, como destacávamos tanto Enrique Iglesias como eu, especialmente Enrique que foi um ator mais direto nisto, aqui está o germe do que foram os diversos processos de integração e é uma grande responsabilidade dos governos e de todos nós poder reconstruir ou construir as bases para que essa integração avance de forma efetiva para alcançar os objetivos de desenvolvimento e inserção da América Latina, de uma forma adequada às novas realidades que existem atualmente no mundo.

Quanto aos temas, quais são, na opinião nossa, os grandes desafios? O desafio é como a América Latina pode ter um padrão de desenvolvimento que signifique um crescimento econômico que não pode ser; não sei os que estiveram presentes ontem no colóquio que tivemos com Enrique, coincidíamos em que não podemos estar satisfeitos com uma região que cresça a uma média de 3%, não podemos estar satisfeitos, requer-se, pelo menos, crescer de forma sustentada ao dobro disso mas além disso não é qualquer crescimento, é um crescimento que implica outro tipo de qualidade.

O que tem acontecido nestes últimos anos, que foram bem-sucedidos para a região, é que foi uma combinação de boas políticas macro com um fator que não é menor, é o dinamismo das economias asiáticas, particularmente China e outras, o que significou que para a América Latina e muito particularmente para a América do Sul tivemos um choque positivo de uma magnitude incrível em termos de intercâmbio nos preços dos chamados *commodities*. Isto foi um fator muito importante e não menor no êxito econômico que tivemos nos últimos anos.

O outro, mais recente, é que como resultado da crise em países do centro, como Estados Unidos e vários países europeus, as políticas monetárias adotadas nesses países significaram que as taxas de juros foram extremamente baixas, o qual tem significado ao mesmo tempo um fluxo de recursos de capital para a América Latina em condições muito favoráveis e isso realmente não é um tema que possa considerar-se como permanente porque no momento em que se reative a economia dos Estados Unidos, que já está em processo, e aconteça o mesmo com a Europa, vai ter uma reversão nessa política monetária, o qual vai significar um aumento nas taxas de juros e conseqüentemente uma tendência a que muitos desses fluxos retornem aos países do centro, então aí vêm esses temas.

Vendo quais os desafios principais, nós precisamente no Diretório que tivemos aqui em Montevidéu anteontem - o Diretório da CAF não é um diretório residente como é o caso do BID ou do Banco Mundial, mas são os próprios Ministros e Governadores de Bancos Centrais os que se reúnem cerca de três vezes ao ano - e nessa reflexão precisamente introduzi para a discussão dos Ministros a necessidade que temos como região e como Instituição que se aplica a todos nós, olhar o mundo não de ontem mas o mundo que nos vem amanhã e, nesse contexto, ver quais as estratégias que como região devemos manter em todos os planos e definitivamente as implicações que esta nova realidade deve ter em Instituições como a que eu presido. E aqui estão alguns dos temas.

Talvez o primeiro é que vou repetir o que em alguma das respostas do colóquio de ontem assinalai. Quando vemos a América Latina? Há uma tendência em comparar-nos entre nós e se colocamos dessa maneira evidentemente, com seus altos e baixos, temporariamente os países têm crises, um ou outro, saem das crises, eu nos anos que tenho de experiência tanto na CAF quanto no BID anteriormente ou no Governo da Bolívia, digo que as crises vêm e passam e os países têm tido a virtude de ajustar e arrumar os temas; mas o bom é perguntar-se e ver como estamos no mundo, como nos comparamos com o mundo, e aqui a notícia não é tão boa porque se olharmos o peso da América Latina no mundo, comparando-nos especialmente com os mais dinâmicos que seria o caso da Ásia, dou alguns dados, por exemplo, nossa participação no PIB, no produto interno bruto mundial, esteve estagnada praticamente nos últimos 25 anos, 6%, 7%, contrariamente ao que acontece com as economias asiáticas.

Outro dado que não é menor é por exemplo a renda per capital da região em média, vamos tomar com a economia dos Estados Unidos em preços de poder de compra, que reflete muito mais claramente todos os fatores importantes, há 20, 25 anos representava 35% América Latina, atualmente é 23%, 24%.

Se formos ao comércio, e aqui estamos em uma casa muito importante para o comércio, o comércio da região diminuiu notavelmente seu peso relativo, estamos em cerca de 7%, 8%, comparado com mais do dobro de há alguns anos.

Em termos de investimento, a média do investimento é mais ou menos 20%, isso como comparamos com a China com 40%. Claro, não quer dizer que devemos fazer isso porque investir tanto significa que temos que ajustar o consumo mas digamos que a América Latina deve tender a investir pelo menos 28%. Mas aqui vem o outro lado da moeda, o lado economia, isto é, a capacidade de economia que têm os países em relação ao seu produto, e se tomarmos a economia e falamos das famílias, a economia das empresas, a economia dos governos, também a média é mais ou menos 20%, voltamos à zona de prosperidade mais dinâmica, a economia é o dobro. Também não significa que devemos fazer isso, estou tentando mostrar-lhes que temos alguns temas estruturais extremamente importantes que devemos buscar como

corrigir e o tema da produtividade, que é outro aspecto importante, temos melhorado, sim, mas se compararmos como que tem acontecido nessa zona do mundo estamos muito atrasados.

Isto é em plano mais econômico mas se formos ao plano da inclusão social, da equidade, que ao meu ver é talvez um dos temas mais sensíveis que tem a região, tivemos um grande êxito, devemos parabenizar praticamente todos os governos da região nos últimos anos houve uma redução dramática, substancial dos níveis de pobreza, é espetacular. Mas se formos ao tema da equidade, ou seja, a distribuição da riqueza, lamentavelmente aí melhorou um pouco, especialmente nos últimos anos, mas nossa região lamentavelmente é a que tem a pior distribuição da riqueza no mundo.

Então, isto nos leva à pergunta que nos fazíamos ao ter preparado há três anos um trabalho de prospectiva que diz “América Latina 2040”, e a pergunta é o que devemos fazer? E uma das conclusões que aparece é que se quisermos chegar a uma convergência com os países “industrializados em ingresso *per capita*” teríamos que, como disse anteriormente, estar em uma média de crescimento de uma qualidade um pouco diferente de 5% a 6%. É fácil falar, a questão é como fazer. Isso é um requisito para dar sustentabilidade ao êxito na redução da pobreza e para conseguir uma distribuição muito mais satisfatória.

Aí aparecem temas que eu sempre falo, a macro está muito bem, nos parabenizamos pela macro, que bem fazemos e os colegas que são Ministros das Finanças e da Economia sempre estão contentes porque a macro esteja bem mas no mundo há vida além da macro, isto é, na micro estamos mal, na atividade social estamos mal e no tema ambiental tivemos erros que devem ser corrigidos mas não estamos tomando a suficiente consciência das implicações que isto tem.

Então, aqui já baixando de nível, os temas que consideramos mais importantes para uma agenda de longo prazo. O primeiro é que deve haver uma agenda de longo prazo, uma agenda aprovada porque a responsabilidade dessas agendas não é exclusivamente dos governos, é uma responsabilidade de todos, ou seja, do setor privado, dos sindicatos, é responsabilidade da sociedade civil que tenham em comum denominador em objetivos de longo prazo, e aqui três ou quatro temas que são críticos e depois vou incidir sobre como a Instituição que presido tenta ajudar de forma mais direta e mais pragmática.

O primeiro, um, um, um, é educação. Educação, educação, educação. Educação em dois matizes, o que é o acesso a uma educação adequada à gente na fase inicial, no ensino primário, no setor rural, em tema de gênero porque a inequidade que mostram as cifras começa aí, a criança que não tem acesso à educação nos primeiros seis ou sete anos já de partida está limitada. Segundo, educação para o século XXI e não para o século XIX. Com todo carinho e apreço que tenho a minha profissão de economista e a muitas das dos senhores, advogados, necessitamos menos disso e mais gente que esteja na tecnologia, na inovação. Quando entramos na China e vemos o que estão estudando, o que se faz, e comparamos com o que fazemos nós é impressionante.

O outro, que é um atraso extremamente importante, é o da infraestrutura. A região investe em média 3% do PIB, os asiáticos, por pôr um exemplo, 10%. É necessário que duplicar. Isso significa estradas, portos, energia, a manutenção de obra, tudo isto requer um esforço descomunal. Isto é o segundo.

O terceiro é instituição. A institucionalidade em termos gerais. Às vezes quando falamos de institucionalidade nos referimos aos governos, não, não são os governos, é todo o aparelho do estado mas também é o setor privado, os grêmios e também são os sindicatos, essa construção.

Um tema que é crítico e preocupante é o que no final dos anos 50' Raúl Prebisch na CEPAL manifestou, a preocupação da dependência das matérias-primas. Houve em um momento muita crítica a Raúl mas ele foi um homem sábio em termos do diagnóstico de um dos problemas que tem a região, o que aconteceu nos últimos anos? Nos últimos anos, devido a esta situação tão de bonança nos mercados de *commodities* o que aconteceu é que há uma reprimarização, a proporção da dependência das exportações da América Latina, particularmente a América do Sul, se tiramos o México, inclusive a situação é muito mais delicada em termos da alta concentração em poucas matérias-primas, e isso acarreta uma alta volatilidade por um lado e por outro lado um modelo que não necessariamente é o que vai criar o valor agregado necessário para incorporar a uma massa importante de cidadãos no aparelho produtivo, que melhore os salários e leve ao que cresceu muito na região que é a percepção de um grupo grande de cidadãos que se sentem na classe média.

Repito o que disse ontem, quando olhamos as protestas que há em vários dos nossos países, onde houve prosperidade, redução de pobreza, é porque o cidadão agora tem demandas que não existiam há alguns anos e não vê que os serviços, a educação, a saúde, o transporte, são adequados. Essas demandas, que cada vez são mais crescentes, somente vão ser possíveis de atender dentro de um equilíbrio econômico razoável na medida em que o setor produtivo tenha uma transformação que esteja baseada em maior inovação, maior tecnologia, cadeias produtivas que se insiram no novo modelo de transações que existem em nível mundial.

Então, em tudo isto vem a pergunta, e onde está a integração? E volto ao tema central, se a América Latina não retoma a bandeira da integração mas de uma forma muito mais profunda, os problemas são maiores. Tomemos o caso da China, a China é muito importante, nos últimos anos fui mais vezes a Beijing do que a Nova York, o qual tem a ver, mas vejamos falando com os chineses, Onde investe a China? O que compra? Matérias-primas, recursos naturais, e isso do ponto de vista econômico não é bom porque há assimetrias mas também não do ponto de vista geopolítico eventualmente. Discutindo em seminários com os chineses vemos, por que não pensar em que muitos dos que tiveram êxito em matéria de inovação, de tecnologia, vem esse investimento também no setor? Aqui vem um problema que é o mercado e aqui veem a integração. Na medida em que tenhamos um processo de integração na área que especialmente a ALADI maneja tão bem, o comércio, podemos ter investimento, ser competitivos e poder penetrar no mundo não apenas com as tradições, exportações das matérias-primas, que neste momento nos dá muito rédito. Aí é onde cremos que é necessário trabalhar.

Na prática, à margem dos altibaixos que tem o processo de integração, devemos ser francos e realistas, não é o melhor momento da integração, há muitos esquemas, muitos, mas a verdade é que não estão funcionando. Cada dia temos mais esquemas mas, por exemplo, eu citava a Aliança do Pacífico, muito interessante. Quanto é o comércio na Aliança do Pacífico entre os países? 4%. Se não chegarmos a níveis de intercâmbio, de produção, de investimento, de comércio maiores é impossível falar de integração.

Então, nós como CAF, o que temos feito? Temos sido práticos. Não podemos interferir nos temas que são de jurisdição dos Ministérios do Comércio ou vocês mesmos ALADI mas temos tomado como bandeira o tema da integração física, aí tem

havido avanços muito importantes, especialmente no âmbito sul-americano, o que originariamente foi o IIRSA, programa de integração que continua. Se olharmos o mapa da América do Sul vai ver que houve progressos muito importantes. Nós somos a principal fonte de financiamento de infraestrutura na América Latina, por cima dos organismos multilaterais. Nós somente como CAF nos últimos 15 anos financiamos cerca de 65 projetos de integração física regional que representam um investimento de 35 ou 40 mil milhões de dólares, que estão aí, são rodovias, são pontes, está a parte de energia.

É interessante ver os mapas, vou citar um par de exemplos, vou tomar meu país, Bolívia, que está no centro da América do Sul. Se olharmos o mapa da Bolívia de 15 anos atrás não tinha comunicações praticamente, atualmente estão as conexões que vão ao Brasil via Bolívia, ao Chile, ao Peru. Tomemos o caso do Peru, por exemplo mais recentemente, toda a conexão Brasil que baixa, e assim sucessivamente, a relação Argentina, Uruguai, Venezuela, a conexão de Manaus para o norte. Tudo isso tem sido realizado mas não é suficiente.

O outro tema que marcou também, que é muito importante na integração, é o desenvolvimento fronteiriço. Há um grande esforço de programas e projetos na fronteira, na que participam muito seriamente os governadores de vários dos Estados. Isso no lado sul-americano. No caso do Panamá para acima, creio que neste momento estão repensando fortalecer o que se chamava o Programa Puebla-Panamá. Todo esse conjunto de iniciativas que é agora o Programa Mesoamérica também está avançado, não ao ritmo que avançou o tema sul-americano mas precisamente nós somos vistos pelos países, o caso do México, Guatemala e vários dos países que são parte do esquema, Costa Rica. Então, há este tipo de grandes desafios que sem dúvida há que manejá-los.

Eu diria que o futuro da integração é chave e vemos com muita satisfação poder colaborar com os senhores porque realmente aqui está a casa da integração, as origens, creio que isso deve ser fortalecido e é necessário fazer com que a ideologia da integração, não como luxo mas como necessidade, seja expandida para que os governantes e os atores dos setores produtivos, setores reais, tenham consciência de que a América Latina pode ser um jogador muito mais importante se formos juntos. Se formos separados nem o Brasil, com a dimensão que tem, pode jogar sozinho nas realidades de hoje.

Como são vistos os impactos nos próximos 15 anos no mundo? 60% do crescimento do produto está visualizado na Ásia, América Latina 7%, América do Norte 10%, então aqui há muito para refletir.

Uma palavra final sobre a CAF. Nós, como falava a Presidenta e Chacho, a maior parte dos países-membros da ALADI são da CAF, e quero falar que estamos em um processo de incorporar todos, por exemplo estamos em conversações com Cuba para ver de que forma podemos colaborar nessa matéria e creio que uma das fortalezas da CAF é a independência que tem tanto financeira quanto à neutralidade de interesses.

Quero novamente agradecer pela atenção e prometo-lhes que voltarei em um ano e meio. Obrigado.

PRESIDENTA. Será bem-vindo sempre, foi um gosto não somente tê-lo mas escutá-lo e efetivamente este grande desafio de fortalecer a integração no espaço da América Latina, na ideia de navegar juntos, creio que é a grande ideia que ficou do colóquio de ontem como uma das grandes oportunidades e como um dos grandes

desafios que surgem, portanto, nesse sentido, foi muito rica sua conferência como Presidente Executivo da CAF.

Tenho também, como o Chacho, que agradecer-lhe pelo que significa o apoio da CAF, a presença permanente da equipe da CAF, através de Gladis Genua, através de Juan Carlos Elorza e o conjunto da equipe da CAF, sempre acompanhando as atividades da ALADI, para nós resulta fundamental esse apoio diante da EXPO ALADI, que é uma macro rodada de negócios que impulsiona ALADI agora em 8 de outubro, que busca ser um espaço importante entre os nossos 13 países e outros países também convidados.

É um gosto sua expressão no sentido de incorporar todos os países na ALADI, já estamos 12 e há novos apoios que se anunciam, portanto, isso resulta muito importante também como uma grande mensagem para nós.

Queremos agora entregar-lhe uma bandeja de lembrança a esta visita e tê-lo sempre, tê-lo permanentemente, portanto, muito agradecidos.

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CAF-Banco de Desenvolvimento da América Latina (Enrique García). Com isto, minha querida Presidenta, vou vir com mais frequência. Esqueci de falar algo que me impressiona, nestes dias da visita, minha Diretora Representante, com grande habilidade, ao evento que vou, antes chama por telefone e fala “olhe, Presidenta, solicito-lhe que diga algumas palavras da boa tarefa que estou realizando” (*risos*), e ontem chegou ao extremo que a Intendente leu a última frase “e corresponde um aumento de salário” (*risos*).

- *Entrega-se bandeja de lembrança.*

PRESIDENTA. Gostaríamos de convidar todas as Representações para a foto com o nosso convidado, Enrique García.

- *Toma-se foto de lembrança.*

- *Encerra-se a Sessão.*
